



DANIEL DELOUYA

COLEÇÃO  
Berggasse  
19

# GUERRA E PSICANALISE



INM Editora





DANIEL DELOUYA

COLEÇÃO  
Berggasse  
19

# GUERRA E PSICANÁLISE





**Copyright © 2025 by Daniel Delouya**

**Todos os direitos desta edição são reservados à INM Editora. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida, seja por meio impresso ou digital, sem a permissão prévia da INM Editora, de acordo com a Lei Nº. 9.610/98. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com a Lei Nº. 10.994, de 14 de dezembro de 2004 e a Lei Nº. 12.192, de 14 de janeiro de 2010.**

**Editores:** Sergio Gomes e Bruno Ricardo Gomes

**Diretor Comercial:** Bruno Ricardo Gomes

**Revisão Gramatical e Preparação de Texto:** Tatiana Sayumi Seki

**Revisão Técnica:** Sergio Gomes

**Secretaria:** Nawana Taranto

**Capa e Diagramação:** Benjamin Castro

**Foto da Capa:** Abstract art britto, Gallery Britto, Creative Commons

- [www.commonswikimedia.org](http://www.commonswikimedia.org)

**Marketing:** Tatiana Sayumi Seki

**Logística:** Arthur Evangelista

**Segundo o Novo Acordo Ortográfico, 5ª. Edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, de março de 2009.**

### **INM Editora**

Frei Caneca, 1380,

Primeiro Andar - Sala 17

Consolação - São Paulo

CEP: 01307-002 | Tel.: (11) 5026-7748

[contato@inmeditora.com.br](mailto:contato@inmeditora.com.br) | [inmeditora.com.br](http://inmeditora.com.br)

Instagram: [@inmeditora](https://www.instagram.com/inmeditora) | Facebook: [/inmeditora](https://www.facebook.com/inmeditora)





## Sumário

- 5 Apresentação da Coleção Bergasse
- 7 Reconhecimento (agradecimentos)
- 13 Prefácio - A prática da esperança na ética do contra si
- 18 Introdução - Guerra e Psicanálise

### **GUERRA E PODER**

- 25 A guerra: por quê, e para quê?
- 37 A guerra: versões pessoais
- 52 Adenda: A guerra da pandemia - coronavírus e nós
- 55 Reflexões sobre a linguagem na era digital
- 70 O líder e a guerra: o manuscrito inédito de Freud de 1931
- 79 Ferenczi político, do plural no singular
- 87 Ferenczi, entre passividade e reciprocidade/ mutualidade
- 94 Poder, desamparo e amor no cinema e na literatura

### **MORTE E VIDA**

- 111 Odisseia, transporte e transferência entre morte e vida
- 124 Morte e vida, algumas configurações
- 138 Depressão, toxicomania e cultura
- 147 Breves notas sobre a drogadição
- 154 Corpo, vida e morte
- 158 Corpo e linguagem no horizonte do inconsciente
- 161 O tempo de encontro e a comunidade
- 171 O trabalho em duplo e a cultura de excitação/ atuação
- 183 Viver juntos, colaborar ou cooperar
- 204 O sexual, a vida psíquica e o campo de atuação psicanalítica





## **A LUTA CONTRA A GUERRA NA METAPSICOLOGIA**

- 221 Ideais, idealizações, sublimações e suas ambiguidades e destinos na cultura
- 237 O estranho e os seus confidentes e inconfidentes
- 244 O trabalho no limite do analisável: destrutividade e enquadre interno no analista
- 251 Eu prazer e Eu realidade, entre 1911 e 1915
- 256 O eu, o self e a clínica contemporânea
- 265 Entre o Eu, o Isso e a cultura
- 273 Tempos e reencontros do Homem dos Lobos
- 290 Notas sobre o espectro dos pensamentos selvagens em Bion
- 300 Alucinação, desejo e hostilidade - Eixo originário do projeto freudiano

## **A HISTÓRIA DE LUTAS EM TORNO DA FORMAÇÃO ANALÍTICA**

- 325 O palco sociopolítico, a comunidade e a transmissão psicanalítica
- 341 Da exigência de deformação na formação
- 355 Notas sobre o trabalho da supervisão e seus fins
- 363 Passando a tocha da psicanálise para América Latina
- 369 Um breve comentário sobre a história da psicanálise no Brasil



## Prefácio

### A prática da esperança na ética do *contra si*

*Berta Hoffmann Azevedo*

Cada um de nós é uma península, metade ligada ao continente, metade voltada ao mar; metade ligada à família e amigos e cultura e tradições e país e nação e sexo e língua e muitos outros laços. E a outra metade quer ser deixada só e ficar voltada para o oceano.

*Amos Oz, Do que é feita a maçã*

*Guerra e Psicanálise*, um título intrigante para a mais nova obra de Daniel Delouya. O leitor, curioso, se pergunta o que encontrará em suas páginas. Ao folheá-las, descobre uma delicada trama tecida em diferentes camadas, cada uma reveladora de um trabalho de interconexão entre os fenômenos e o pensamento metapsicológico. A clínica não é apenas um tema, está pulsando não só nas vinhetas, mas no modo sensível como o autor veste a metapsicologia com a carne de sua escuta.

“Morte, enterro e separação se mostram como condições necessárias para a vida e sua batalha”, diz o autor, no capítulo *Tensões de vida perante a morte*. Com essa frase, Delouya discorre sobre o trabalho da morte no psiquismo. Seu livro fala de *Guerra e Psicanálise*, e, embora aborde os conflitos geopolíticos ativos no Oriente Médio e em outras partes do planeta, fala também, e principalmente, das origens do psíquico. Como essas temáticas conseguem caber em um mesmo compilado?

A resposta se encontra na noção de cultura e de psíquico que cultiva nosso autor: está presente desde as primeiras trocas humanas. Instaura a linguagem, inaugura e imanta um corpo.

“Por que a palavra faz corpo?” (em *Corpo e linguagem no horizonte do inconsciente*). A vida psíquica, na perspectiva aqui trabalhada, é efeito do encontro, edificado junto ao meio humano e às notícias de si recebidas dele. Entre o mar-mãe, oceano ilimitado e





o solo restrito da praia, há o litoral — vai-e-vem ritmado de movimentos retrativos e expansivos, que constrói distância e ausência, fazendo nascer da mistura a alteridade.

No corpo a corpo com o outro e por meio do trabalho do objeto, o excesso de excitações será revelado e negativado. Convocado pelo grito, o adulto seduz e contém, promove a linguagem e seus efeitos de ligação. O trabalho da ternura, ao oferecer ao *infans* um lar na linguagem, transforma a área amorfa do estado de nirvana em referências autoeróticas, berço do princípio de prazer.

A riqueza de tais processos nas origens do psíquico, será retomada nos diversos capítulos deste livro, que reafirma a ideia freudiana do desamparo humano como fonte de todos *os motivos morais* (Freud, 1895).

Do trabalho do objeto, motor de função objetalizante, pode nascer a atitude de reflexividade cunhada por Daniel Delouya como *contra si*. Esta posição ética, comprometida com a não alienação, reflete o esforço e a capacidade de operar um diálogo interno de contraponto, no qual possa supor a existência de outros entendimentos legítimos. O pensamento que concebe outras lógicas pode investir num caminho de encontro possível sem mútua exclusão.

Capacidade de duvidar, pensar e reformular. Compromisso de deixar contaminar o já sabido com aquilo que o questiona. Na ética do *contra si* fica difícil justificar uma guerra, que para dizimar milhares de vidas, precisa desumanizar o outro a tal ponto que sua eliminação pareça aceitável.

Mas o trabalho da cultura encontra limites e a alteridade do desconhecido pode promover desespero e ânsia de controle e domínio.

É desconcertante reconhecer no humano a nascente da desumanização, mas é o que a história nos faz constatar. Freud e Einstein já se perguntaram sobre o porquê da guerra, uma busca que agora Delouya retoma, posicionando-se entre os pacifistas esperançosos.

Essa esperança, no entanto, não é aquela da espera iludida e ingênua, mas a que procura as vias para sustentar um caminho possível de transformação. Lemos um analista implicado, pensante,





estimulado pelas questões da cultura e com coragem de desbravar temas árduos, geralmente evitados por despertarem paixões. Dificuldade que só a sofisticação conceitual rigorosa interrogada por novos tempos é capaz de superar.

Sem cair em versões opiniáticas, típicas de um tempo em que todos se acham aptos a falar de tudo, Daniel Delouya circunscreve suas respostas em terrenos que se dedica a pesquisar com leitura, clínica e pensamento crítico aguçado. Desconfia do óbvio, resiste às demonizações. É possível existirem razões diversas?

Com a sofisticação de pensamento que lhe é habitual, Delouya toca as dores humanas sem escorregar para o piegas, aborda os impasses políticos (inclusive os psicanalíticos) sem simplificações binárias, e descreve o cenário sombrio apontando horizontes.

O renascimento da guerra Israel-Palestina lhe tocou as vísceras.

“Garantam uma infância para aqueles que ainda possam desfrutá-la, enquanto os adultos de ambos os lados se esforçam para sentar-se juntos e conversar. Mais uma vez, aqui estou eu, o ingênuo, com a esperança” (em *A guerra, versões pessoais*).

No mar que banha suas memórias, correm águas partilhadas por árabes e judeus, que em outros tempos puderam dividir a mesa e a intimidade da amizade. Escreveu por íntima convocação, quiçá para elaborar, muito provavelmente em um ímpeto por esclarecer aos colegas as nuances que dedicou uma vida a entender.

A escrita situada como judeu, sem que isso impedisse seu pensamento de imaginar humanidade na reivindicação da causa oposta. Acusa os meios, delimita o inaceitável, sem para isso deslegitimar o direito à diferença.

Lembro-me da entrevista concedida por Freud (1926a) no final de sua vida, em que ele sentencia: “compreender tudo não é perdoar tudo. A psicanálise nos ensina não apenas o que podemos suportar, mas também o que devemos evitar. Ela nos diz o que deve ser eliminado. A tolerância para com o mal não é de maneira alguma um corolário do conhecimento”. É também a posição que encontramos neste livro, quando os contextos históricos são retomados.





“Não há análise se não há migração”, diz Delouya em *Passando a tocha da psicanálise para América Latina*. Frase preñe de significações. A Guerra está na origem da diáspora psicanalítica, nos fundamentos do nosso movimento fora da Europa central. Está também nas origens do autor de *Guerra e Psicanálise*, que de sua posição de estrangeiro perene, parte do mar-mãe e vem sentar raízes no Brasil e na psicanálise. Costuradas nas dobras do texto, portanto, as experiências pessoais pulsantes, que sobrevivem no então-e-ainda menino ávido por conciliar as diferentes línguas e tradições de que era testemunha. “Eu era uma criança de sete anos, escutei muitas línguas, e havia muitos sobreviventes de campos de concentração com numeração, obra nazista, nas mãos. Tínhamos uma espécie de centro comunitário, que em hebraico se chama *moadon*, que significa ser lugar de *tempo de encontro*, tempo de ternura. Vem da palavra Éden que em hebraico significa ‘tempos infinitos da ternura’”, escreve Delouya em *O tempo de encontro e a comunidade*.

Entremeadado à ternura, o horror do nazismo e do antisemitismo. A guerra, as provas da tendência humana em desumanizar e evacuar projetivamente o mal.

Não só a guerra faz o homem em sua sede de controle. Ele quer o domínio da natureza e da inteligência artificial. A ameaça de narcotização tecnológica do humano está como pano de fundo em vários capítulos do livro: “A hipertrofia das moções defensivas do eu ante o desamparo se expressa pelas metas em relação à regulação das relações entre os seres humanos e o domínio sobre a natureza, que se matizam no massivo arsenal do afã burocrático e tecnológico, sobrepondo-se a elas contra os anseios comunitários, humanos, do sujeito” (no capítulo *O palco sócio-político, a comunidade e a transmissão psicanalítica*).

“O que nos questiona são as bases e fundamentos psíquicos dessa embriaguez hipnótica que as redes nos proporcionam, uma espécie de narcotização similar àquela que embrenha as vivências das crianças nos passeios pela Disneylândia (...). Trata-se de um entorpecimento, uma espécie de narcotização da pulsão, onde a estase originária do gozo da quietude resiste” (no capítulo *Reflexões*





sobre a linguagem na era digital.

O que o leitor extrai do livro, além das reflexões psicanalíticas em torno de problemas atuais, é a reafirmação da potência da escuta analítica, em seu laço comunitário com a linguagem, como resistência às tendências desumanizantes e destrutivas, podendo se infiltrar até mesmo na própria prática analítica. Por essa via de entendimento, o livro consegue conjugar também as temáticas da formação psicanalítica.

Tão denso quanto abrangente, o texto está organizado em quatro partes: *Guerra e poder*; *Morte e vida*; *A luta contra a guerra na metapsicologia* e *A história de lutas em torno da formação analítica*, cada uma delas contendo diversos capítulos, alguns dos quais já publicados em periódicos ou livros.

Da profunda intimidade com a obra de Freud, Delouya navega nas teorizações desenvolvidas num arco que compreende diferentes momentos do pensamento freudiano, desde o *Projeto de uma psicologia* até *O Homem Moisés e a religião monoteísta* (Freud, 1895; 1939). Esse compromisso com a heterogeneidade presente na própria obra de Freud o permite aproveitar dos autores pós-freudianos sem se perder em teorias desconexas. Pensa com Ferenczi, Winnicott, Bion, Green, Laplanche e com colegas de seu círculo mais próximo, tornando esse, um livro plural que amarra autores de diversas tradições, finamente referidos à metapsicologia freudiana que os alinhava.

Temos em mãos um livro que retoma a partir de renovados estímulos, as ideias construídas por Daniel Delouya ao longo de sua trajetória de publicações. *Guerra e Psicanálise*, junto a *Torções da razão freudiana*; *Depressão*; *Depressão, estação psique*; *Epistemopatía*; *Entre Freud e Moisés*; *Análise, teimosia do sintoma e migração*, traz a assinatura de seu autor na poética, no tom e nas temáticas.

A crítica sem desesperança que lerão a seguir renova a aposta no laço social, que embora precário, pode fazer frente aos desafios do convívio e resgatar o humano mesmo quando em vias de afogamento.





# GUERRA E PSICANÁLISE

